

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO: O CASO DOS IMIGRANTES CABOVERDIANOS NO RIO DE JANEIRO (1950-1973)

Artur Monteiro Bento

Doutorando em Memória Social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Neste artigo, apresentamos uma análise reflexiva sobre os processos de construção de identidades de imigrantes caboverdianos no Rio de Janeiro, como esses indivíduos inseridos na sociedade brasileira reelaboram aspectos fundamentais de suas memórias. Procuramos estudar como os imigrantes falam sobre eles mesmos em contextos diversos, assim como percebem a maneira o ser caboverdiano. São analisados os contextos, nos quais os elementos comuns aparecem com mais força. Um conjunto de nove entrevistas de história oral, realizadas com esses imigrantes, é articulado com dados quantitativos, em seus aspectos teóricos e empíricos. A memória desse grupo é permanentemente reconstruída através das sucessivas gerações, porém ela pode se transformar de tal modo que a aproxime das memórias dos autóctones, o que ocorre com os caboverdianos estudados por nós. Os imigrantes têm domínio da língua portuguesa, pois foram educados no país de nascimento tendo o português como a língua oficial. Sendo assim, cremos que a análise das memórias desses imigrantes deve considerar a incorporação dos aspectos culturais não apenas do seu país de origem, mas também do país de acolhimento. O texto está organizado em dois tópicos: no primeiro, discorremos sobre a saída dos caboverdianos à procura de uma vida melhor. No segundo, discutimos a construção da identidade na sociedade de informação, problematizando a construção de identidades caboverdianas na sociedade global.

A Emigração Caboverdiana: contextualizando o fenômeno social

O arquipélago de Cabo Verde é formado por dez ilhas e cinco ilhéus que perfazem uma superfície de apenas 4033 km², situado aproximadamente a 455 km da costa africana. Em contrapartida, dispõe de um espaço marítimo que ultrapassa os 600.000 km². Para Correia (1998), as ilhas de Cabo Verde foram avistadas em 1460 e 1462 pelos navegadores, Diogo Afonso, Diogo Gomes

e Antônio de Noli, a serviço de Portugal. Em 1462, iniciou-se o processo de povoamento das ilhas, segundo a carta régia de 12 de junho de 1466, com povos oriundos de diferentes partes do mundo, destacando-se os escravos africanos e os próprios colonizadores que ali se fixaram para a exploração das ilhas. Assim, durante séculos, Cabo Verde viveu sob o regime colonial português, sendo que, o contato com o resto do planeta era efetuado através dos navios que ali chegavam. Neste sentido, consideramos que a dificuldade de comunicação com Portugal, decorrente das condições de navegação da época, favoreceu um processo de miscigenação social e cultural. Diversos fatores propiciaram o fenômeno migratório, desde os geográficos e climático - trata-se de um país marcado pela insularidade, pelo terreno montanhoso e acentuado declive, pela escassez das chuvas, pela desarborização progressiva devido à ação violenta dos ventos e das enxurradas que carregam camadas de solo fértil - até fatores econômicos, políticos, demográficos e históricos, como a exploração da população, a economia assentada numa agricultura de subsistência e artesanal, a fraca competitividade comercial, o aumento demográfico, o desemprego, o desequilíbrio da produção/população, os baixos salários, tudo isso aliado à intensa circulação de navios. Por todos estes motivos, aconteceu um grande fluxo de emigração a partir do século XVIII. Assim, a migração caboverdiana é um fenômeno marcante no processo de formação da sociedade caboverdiana, com uma população emigrada superior à residente, segundo o *Instituto das Comunidades*¹, que estima 517.780 caboverdianos vivendo no exterior, contando filhos e netos desses caboverdianos nascidos na diáspora. Esta cifra é bastante significativa para uma população residente estimada em 475.947 pelo *Instituto Nacional de Estatística*². Assim, acreditamos que a emigração caboverdiana aparece como uma alternativa para a procura de melhores condições de vida e como a tentativa mais comum para sair da pobreza.

Para o historiador António Carreira (1983), a emigração caboverdiana pode ser dividida em emigração espontânea e emigração forçada. A emigração espontânea está dividida em três fases: a 1ª fase de 1900-1920, a 2ª fase de 1927-1945 e a 3ª fase de 1946-1973. A emigração espontânea nasce da iniciativa particular do emigrante, à procura de melhores condições de vida, e é motivada pela seca, fome e desemprego, conforme vimos. Carreira nos informa que a 1ª fase migratória (1900-1920) é direcionada essencialmente para os Estados Unidos da América do Norte, pela influência dos contratos de trabalho como auxiliares nos navios baleeiros. Muitos fixaram residência nos EUA, em bairros específicos devido a afinidades culturais, a partir de então, eles começaram a chamar os familiares deixados em Cabo Verde. A 2ª fase da emigração aconteceu de 1927 a 1945, e mostra uma diminuição das saídas, bem como uma mudança da corrente imigratória dos EUA para a África. A baixa das saídas para os EUA foi motivada pelas leis norte-americanas de 1919, 1924 e 1928, que restringem a entrada

de indivíduos analfabetos naquele país. A 3ª fase migratória, de 1946 a 1973, é considerada um grande êxodo, e, é dirigida, especialmente para Europa. Enquanto que a emigração forçada de 1902 a 1970, com destino a São Tomé e outros países africanos, foi impulsionada por iniciativa do governo através de leis, recrutando mão-de-obra braçal para trabalhar nas roças de café e cacau. O autor citado nos informa que de 1900 a 1920 saíram de Cabo Verde para a América do Sul (Brasil, Argentina, Uruguai e Chile) 1968 caboverdianos. De 1927 a 1952 rumou na mesma direção 1289. Porém, de 1972 a 1973 entraram no Brasil 15 imigrantes caboverdianos. Daí, podemos observar que os dados estatísticos não nos permitem ter uma noção exata do número de caboverdianos que entraram no Brasil durante o período de 1900 a 1973, pois os “3.257” caboverdianos, incluem também a Argentina, Uruguai e Chile. Os únicos dados relativos à entrada exclusiva de “trabalhadores” caboverdianos no Brasil são de novembro/dezembro de 1972, em que entraram 4 imigrantes, e, em 1973, 11, totalizando 15 caboverdianos. Esses imigrantes instalaram-se no Rio de Janeiro entre 1950 a 1973, à procura de melhores condições de vida, sendo que, a maioria não voltou a Cabo Verde. Entretanto, constroem identidades que garantem a ligação do grupo com o país de nascimento, permanecendo, assim, ligados uns aos outros por laços afetivos e culturais.

Identidades Construídas na Sociedade da Informação

Para *Afonso*³, a sociedade da informação é um espaço global de oportunidades iguais ao acesso aos recursos de informação, em que, com as tecnologias digitais de informação e comunicação, prega-se uma inclusão digital generalizada, em que todos os cidadãos tenham acesso às redes de informação e saibam como utilizar seus instrumentos. O Grupo Telefônica do Brasil (2002: 18) afirma que ainda não existe uma definição sobre a sociedade da informação aceita em todo o mundo; sendo assim, o Grupo apresenta a sociedade da informação como sendo “um estágio de desenvolvimento social caracterizado pela capacidade de seus membros (cidadãos, empresas, administração pública) obterem e compartilharem qualquer informação instantaneamente, de qualquer lugar e de maneira mais adequada”. Para o Grupo, este estágio representa a evolução da sociedade moderna, que é constituída pela sociedade industrial, esta tem acesso aos bens produzidos por todos; a sociedade pós-moderna tem acesso aos serviços prestados por todos, e; finalmente, a sociedade da informação que tem acesso à informação gerada por todos, mas designada como nova forma de organização da economia e da sociedade.

Neste contexto, podemos inferir que os atores sociais dispõem de meios quase ilimitados para produzir, armazenar, e gerar informações para os demais. Assim, percebemos que a sociedade pós-

moderna está inserida num contexto de profundas mudanças e transformações sociais, que faz fragmentar as *velhas identidades*, citadas por Hall (2002). Para este autor, as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, por meio do deslocamento de uma identidade estática para uma móvel, flexível e indeterminada. Nesta direção, o autor dirige nosso pensamento para a concepção clássica da identidade, desenvolvida tanto por Halbwachs quanto por Pollack. Nesta visão, a identidade está ancorada em estruturas sociais que funcionam como referências para o indivíduo. Halbwachs (1990) argumenta que o indivíduo projeta sua identidade num quadro espacial, enquanto categoria fundamental na análise da memória coletiva.

Diante dessas qualificações dirigidas à identidade, destacamos a existência de uma sociedade fechada, onde as práticas sociais se tornam cada vez mais rotineiras à medida que o indivíduo se identifica com a tradição. Sendo assim, a identidade ganha significado em função de um grupo e supõe um conjunto de traços comuns e, por isso, depende do quadro de referência no qual evolua o grupo. Neste sentido, Pollack (1992) nos diz que há uma ligação entre a memória e a identidade, visto que ela é um fator extremamente importante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo. Logo, o sentimento de identidade está ligado a uma memória que permanece viva na experiência singular, tanto de um indivíduo como de um grupo.

A partir dessas considerações, percebemos que a sociedade pós-moderna chega transformando os valores, hábitos, costumes, alterando e produzindo novas subjetividades no sujeito contemporâneo. Para o Grupo Telefônica do Brasil (2002: 20):

A forma final que a sociedade da informação adotará é algo imprevisível nos dias de hoje. Embora em fase inicial de criação de infra-estruturas, já é percebida, ao mesmo tempo, os primeiros efeitos de sua aplicação nos processos, o impacto final nos valores e atitudes, além de ser imprevisível, não será, em absoluto, o reflexo de um mecanismo que deva produzir de forma inevitável um resultado determinado. Muito pelo contrário, a disponibilidade de acesso geral é praticamente ilimitado à informação, deve ser considerada como um elemento de transformação.

Dentro deste contexto, percebemos que a identidade dos indivíduos no contexto da sociedade da informação e da comunicação é permanentemente reconstruída através das sucessivas gerações, se levarmos em conta o caráter global da sociedade pós-moderna, que tende a aproximar pessoas distantes, alterando assim, desejos e expectativa. Sendo assim, a identidade única e estática se fragmenta na sociedade das novas tecnologias em que os meios econômicos e sociais sofrem mudanças estruturais. Estas mudanças alteram em maior ou menor grau os limites da identidade, fazendo surgir identidades flexíveis. Com isso, é possível pensarmos que as identidades estão condicionadas a integração dos indivíduos na sociedade da informação, à medida que a disponibilidade de recursos

econômicos e financeiros permite maior aquisição de bens de consumo. Conseqüentemente, a construção de identidades não representa, a nosso ver, a captação da tradição, mas uma reorganização das identidades produzidas no país hospedeiro, a fim de conseguir a superação das desigualdades sociais. Neste sentido, o Grupo (2002: 27) utilizou-se do termo *apartheid* digital para designar este desequilíbrio social, destacando a existência de uma grande parte da população que, por não ter acesso às novas tecnologias, vive à margem da sociedade da informação. Dessa forma, criou-se, então, o termo inclusão digital “que passou a identificar o processo de alfabetização tecnológica e acesso a recursos tecnológicos, no qual estão inclusas as iniciativas para a divulgação da sociedade da informação entre as classes menos favorecidas, impulsionadas tanto pelo governo como por iniciativas de caráter não governamental”. (GRUPO: 2002: 37).

É necessário compreendermos que uma das características fundamentais de imigrantes caboverdianos é que, apesar da maioria ser semi-analfabeta, superou quase todas as dificuldades, à medida que procuraram-se integrar à sociedade brasileira pelo trabalho formal e informal, e também investindo na educação dos filhos. Neste contexto, os imigrantes constroem identidades abertas, que lhes permitem adaptar a diversos contextos sociais, ressignificando e incorporando novos elementos culturais. Isso nos leva a crer que existe um elo entre a construção de identidades e a sociedade, visto como um eixo de transformação e mudanças permanentes, podendo ser observada no depoimento de *Antónia*⁴ que nos diz, “achamos os mais velhos com a *cachupa*⁵, e até hoje, para jantar, levantar de manhã, guisar aquela cachupa, um peixe frito, um ovo estrelado, aquele café, é o prato típico, o prato principal que tem lá em Cabo Verde. Então já viu, um prato principal, então, aqui a gente faz, mas faz pouco, faz pouco”.

Neste depoimento, observamos que a construção de identidades deve ser contextualizada de modo a incorporar as mudanças culturais que ocorrem na sociedade brasileira, tendo em conta que, nossos imigrantes construíram suas famílias no Brasil, e, não apresentam um projeto de retorno, pois, aqui, encontram uma sociedade propícia e acolhedora que, de certa forma, contribui para a construção de identidades fluídas, a partir das características culturais que consideram significativas. No entanto, não se trata de uma identidade emergente que tende encontrado um ambiente promissor, reivindicam uma tradição. Cabe também ressaltarmos que nossa reflexão centraliza a construção de identidades de caboverdianos provenientes de uma sociedade agrária, e que se estabeleceram num país marcado por grandes transformações no cenário político, social e econômico mundial que trouxe mudanças significativas na realidade histórica brasileira. Esta situação contribui, em parte, para a emergência de

identidades abertas. Em decorrência disso, inferimos que as identidades aparecem como questões centrais para entendermos os sujeitos da sociedade informação.

É importante observarmos que a condição de imigrante permanente faz com que surjam identidades híbridas e mescladas. Pois, os imigrantes, para os quais a experiência vivida em Cabo Verde é próxima e carregada de ressentimentos em relação à falta de alternativas no país, dizem ter emigrado com *saudades*. Neste contexto, revalorizam o Brasil como país de oportunidades, oportunidades essas que não foram oferecidas no país de origem. Ademais constroem identidades que demarcam os limites do grupo, lutando por isso no Brasil, onde é importante ressaltar o caráter mestiço e aberto da população como questão cultural. Assim, os caboverdianos constroem identidades contextuais, não se organizando em guetos, ao contrário, procuram se tornar brasileiros culturalmente.

Tendo em conta que a imigração é fator fundamental para os indivíduos repensarem suas experiências vivenciadas tanto em suas origens como na de acolhimento, acreditamos que a construção das identidades se dá a partir das mudanças culturais que ocorrem nos lugares. Este fato pode ser explicado pelas transformações dos bens culturais, focado por *Armanda*⁶, ao ser perguntada sobre seus hábitos culturais:

O enterro vai à maneira do Brasil, mas nós fazemos aquela prece bonita, aquela prece; a gente com aquela saudade chora, aí já não põem tudo preto, tudo preto como em Cabo Verde, aqui, assim, uma parte preta, uma parte branca, vai azul e, é assim, já não põem preto como em Cabo Verde. Cabo Verde é preto mesmo, durante seis meses é preto, depois fica botando uma coisinha branca, uma parte branca, mas aqui a gente leva no coração; quem vai ao enterro vai de preto, branco, azul, tudo na base de escuro, não põem nada de vermelho, amarelo.

Este depoimento assenta em experiências anteriores, vividas e compartilhadas pelos imigrantes, cujas ações coletivas têm significados na vida individual. Além disso, nos dão pistas das mudanças culturais ocorridas no Rio, decorrentes dos contatos permanentes com a nova cultura. Por outro lado, abre-se caminho para discutirmos as possibilidades de identificação com a sociedade brasileira. Neste processo, os hábitos culturais, como o enterro, ocupam um lugar privilegiado de construção da memória. Nesta direção, Augé (2002: 73) afirma que “o lugar se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores”. Neste caso, o espaço é apropriado como lugar antropológico, como lugar vivido, cheio de significados para o indivíduo que com ele se relaciona, à medida que o espaço habitado por um grupo está dotado de múltiplos sentidos porque foi investido de significados que o tornam um lugar singular. Assim, ao tratarmos da construção de identidades na sociedade da informação, enunciaremos que as restrições geográficas impostas aos caboverdianos determinam suas transformações sociais e culturais. Sendo assim, a construção de identidades flexíveis é um esforço para superar barreiras do tempo e do espaço. Nessa luta para

transpor essas limitações, os produtos culturais trabalham para se materializar no novo espaço, tendência a ser incorporada pelos brasileiros que convivem com os imigrantes. Construindo novas identidades é como se os imigrantes estivessem traduzindo a realidade caboverdiana numa nova realidade. Porém, os caboverdianos caem na armadilha do destino, à medida que os produtos culturais tendem a transpor barreiras temporais e espaciais, mas estão encerrados nos limites do destino da assimilação brasileira que, desde a sua origem, se preocupa com a formação de um tipo nacional.

Referências Bibliográficas

- AFONSO, Carlos. *A Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação e nós*. In: Seminário Nacional de Legislação e Direito à Comunicação: Regulamentando a Comunicação Social Eletrônica. Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC). Brasília, 15 a 17 de novembro de 2002. - <http://www.ecologiadigital.net/amarc/>.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Rio de Janeiro: Papirus, 2001, p. 43-105.
- BARTH, Frederick. *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. In: _____. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. (org. Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- CARREIRA, António. *Cabo Verde: aspectos sociais, secas e fomes do século XX*. 2ª ed. Lisboa: Ulmeiro, 1984.
- _____. António. *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*. 2ª ed. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1983.
- CORREIA, Claudia. *Arquivo Histórico Nacional. Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: Sépia Paris, 1998.
- GRUPO TELEFÔNICA DO BRASIL. *A sociedade da informação no Brasil*. Brasília: Takano, 2000. www.telefonica.com.br
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- MONTEIRO, César Augusto. *Comunidade Imigrada: visão sociológica, o caso da Itália*. Mindelo: Ltda. Gráfica do Mindelo, 1997.
- POLLACK; Michael. *Memória e identidade social*. In: *Estudos história*, nº 10. Rio de Janeiro
- SANTANA, Marcos Aurélio. *Memória, cidade e cidadania*. In: Costa, Icléia T. M. & Gondar, Jô. *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

¹ Instituto das Comunidades é um serviço personalizado do Estado de Cabo Verde, encarregado de promover e executar a política governamental relacionada com as comunidades caboverdianas no exterior. O Instituto tem sede na Praia, mas pode criar delegações ou outras formas de representação em qualquer ponto do território nacional ou no exterior, desde que a materialização do seu programa ou as necessidades próprias das comunidades caboverdianas o justifiquem. <http://www.ic.cv> acesso em 03/10/2005.

² Instituto Nacional de Estatística (INE), criado pelo Decreto-Lei 49/96, de 23 de dezembro, é um serviço personalizado do Estado. O INE tem sede na cidade da Praia, podendo criar delegações, agências ou qualquer outra forma de representação em território nacional. <http://www.ine.cv> acesso em 03/10/05.

³ Carlos A Afonso é diretor de tecnologia da Rede de Informações para o Terceiro Setor (RITS).

⁴ Antónia, 70 anos, imigrante caboverdiana no Rio de Janeiro desde 1970, tendo retornado a Cabo Verde em 1980 e 1997.

⁵ Cachupa, prato tradicional caboverdiano feito a base de milho, feijão, legumes, carne ou peixe.

⁶ Armanda, 65 anos, imigrante caboverdiana desde 07/11/1960, tendo regressado a Cabo Verde em 1995. Entrevista feita em 29/05/2004.